

Proletários de todos os Países UNI-VOS!



O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

APÓS AS LUTAS DOS CAMPONESES DO ALENTEJO DURANTE AS CEIFAS ELIMINEMOS AS NOSSAS DEFICIÊNCIAS E CONSOLIDEMOS O NOSSO TRABALHO!

Durante as ceifas deste ano no Alentejo, dezenas de milhar de camponeses conquistaram grandes vitórias, arrancando jornas de 3500, 4000 e 5000.

As jornas conquistadas este ano não se devem ao «bom tempo» nem às «boas searas». Devem-se sim A LUTA E SÓ A LUTA DECIDIDA E UNIDA DE MILHARES DE CAMPONESES. Para isso contribuiu de forma decisiva a greve vitoriosa de mais de 3.000 camponeses de PIAS E VALE DE VARGO.

Com o objectivo de imporem este ano, novas jornas de fome, o salazarismo e os agrários tudo fizeram para intimidar e dividir as massas camponesas e assim impedir a sua unidade, a sua luta e organização. Antes das ceifas foram feitas prisões em todo o Alentejo, fizeram-se despedimentos, paralizaram-se trabalhos, as jornas foram abaxadas; eram oferecidas em reitadas tentando prender os camponeses a contratos que impediriam a sua luta futura e tudo isto, no intuito evidente e que os agrários confessavam, de imporem este ano jornas ainda mais baixas.

De nada serviu a G.N.R. ter sido colocada inteiramente ao serviço dos agrários, nem o artigo de fundo do jornal «O Século», logo após a greve vitoriosa de Pias e Vale de Vargo, apelando para a criação urgente duma Guarda Rural ou o reforço dos efectivos e meios da G.N.R.. De nada serviu os agrários terem colocado tudo à disposição da G.N.R., inclusive jeepses.

A LUTA MASSIVA, FIRME E UNIDA DE MILHARES DE CAMPONESES DERRUBOU POR TERRA TODAS AS VIOLENCIAS E AS MANOBRAS DO FASCISMO E DOS AGRÁRIOS. O nosso Partido soube mais uma vez corresponder à confiança das vastas massas camponesas.

Apesar dos golpes sofridos pelo nosso Partido no Alentejo, da ausência do jornal «O Camponês» durante muito tempo e das traições dos miseráveis Mário Mesquita e José Mendonça, as organizações e militantes do Partido alentejanos souberam, de um modo geral, levar à prática a orientação do seu Partido, colocando-se à frente das massas camponesas conduzindo-as mais uma vez à vitória fazendo recuar os agrários e autoridades fascistas.

As jornadas vitoriosas travadas este ano pelas massas camponesas do Alentejo, representam uma poderosa contribuição para a luta do povo em defesa da Paz, representam uma nova vitória do Partido Comunista, do Partido dos operários e camponeses, do Povo e da Paz.

Mas apesar das grandes vitórias obtidas este ano no decorrer das ceifas do Alentejo e dos êxitos alcançados pelo nosso Partido, é incontestável que

existiram condições objectivas para tornar essas vitórias ainda mais amplas. Os camaradas e organizações camponesas do nosso Partido deverão discutir e analisar os aspectos positivos e negativos das lutas travadas detendo a sua especial atenção nas deficiências havidas porque só assim poderão tirar conclusões e extrair ensinamentos tendo em vista as lutas que se avizinham.

Analizemos desde já algumas deficiências.

Quando se discutia a preparação e orientação da luta por melhores jornas durante as ceifas, alguns camaradas descrem da possibilidade de ultrapassar a jorna de 25\$00. Isto verificou-se em Pias e Vale de Vargo, onde as jornas atingiram 50\$00 e 45\$00 com comer.

Portanto, e em consequência da fraca ligação com as massas, todos esses camaradas revelaram falta de confiança nas massas e pessimismo. Não confiando nas massas e na luta, não é possível a esses camaradas conduzir de um modo consequente as massas para diante. Foi precisamente por isso que **HOUVE CAMARADAS E ATÉ ORGANIZAÇÕES QUE FORAM ULTRAPASSADOS PELA LUTA, ANDARAM A REBOQUE DOS ACONTECIMENTOS.** É preciso ter sempre presente que a falta de confiança na luta e nas massas faz deixar estas à mercê da luta espontânea, da luta não dirigida nem organizada e portanto sujeita a todos os perigos. Este é um dos aspectos mais graves das deficiências havidas nalguns casos, o que exige uma ampla e rápida discussão no sentido de as eliminar, pois **OS FACTOS VIERAM COMPROVAR A JUSTEZA DA ORIENTAÇÃO DO PARTIDO E DO JORNAL «O CAMPONÊS», AO ESTABELECEER A JORNA DE 50\$00.**

Alguns camaradas e até responsáveis de organizações, no decorrer das ceifas abandonaram as suas regiões para irem trabalhar nas regiões onde os camponeses tinham conquistado jornas mais elevadas. Desta forma, esses camaradas deixaram os camponeses dessas regiões à mercê dos agrários, revelando portanto falta de espírito de luta, falta de amor à classe. O papel desses camaradas como comunistas e como camponeses de vanguarda era colocarem-se à frente das massas camponesas das suas regiões no sentido de conquistarem as jornas que noutras regiões já tinham obtido devido à luta.

AS COMISSÕES DE UNIDADE TIVERAM UM PAPEL DECISIVO. Onde elas existiram houve lutas, houve vitórias e jornas elevadas. Onde as Comissões não existiram, houve fracas lutas e uma débil mobilização das massas e portanto jornas mais baixas. Sem as três Comissões de Unidade formadas em Pias, em estreito contacto com as massas, promovendo reuniões amplas e abertas, nas quais participaram dezenas de camponeses e numa delas mais de 130, não teria sido possível a preparação da luta que conduziu à greve vitoriosa. **SEM AS COMISSÕES, SEM AS REUNIÕES AMPLAS, SEM AS CONCENTRAÇÕES NA PRAÇA DE JORNAS, O DESENCADEAMENTO DA GREVE NÃO TERIA SIDO POSSÍVEL E MUITO MENOS AINDA ASSEGURAR A CONTINUIDADE DA MESMA DURANTE 7 DIAS ATÉ À VITÓRIA COMPLETA.**

Alguns camaradas ao resistirem à criação de Comissões revelam não compreender a sua importância e, por outro lado, revelam que têm a luta das massas que a criação das Comissões irá possibilitar. Eliminar tais incompreensões e dar um carácter permanente às Comissões constituídas durante as ceifas e criar outras onde não existem, é essencial para as lutas futuras.

O que se disse sobre a importância decisiva das Comissões de Unidade, pode-se dizer sobre a importância das Praças de Jornas. Elas constituem um ponto de reunião e concentração onde as massas camponesas se unem e adquirem consciência da sua força. As jornas conquistadas em algumas Praças regulavam as jornas de localidades e aldeias, onde não houve Praças e só este facto em si, evidencia bem a enorme importância que elas constituem. Assegurar a continuidade das Praças criadas e criar outras onde não existem é pois de grande importância.

Paralelamente a isto, devemos atirar com o peso do nosso esforço organizativo para a mobilização das massas camponesas dos grandes centros

populacionais (onde é mais fácil formar Praça), pois a experiência indica que as jornadas conquistadas nos centros mais populosos servem de regulador para as localidades e aldeias menos populosas.

As formas de organização têm de ser adaptadas às condições do momento e da luta. O nosso Partido deve aprender com as iniciativas criadoras das massas que possibilitam uma maior mobilização. Se isto tivesse sido assimilado, os nossos camaradas teriam feito deslocar camponeses às localidades onde as jornadas eram mais baixas, no sentido de mobilizarem as massas camponesas dessas localidades a exigirem jornadas mais elevadas. Isso tornaria a luta mais ampla e criava as condições necessárias para uma maior subida das jornadas.

A Unidade foi, como sempre, o factor fundamental da vitória. Sem a unidade com os ranchos algarvios e dos «ratinhos» teria sido impossível fazer fracassar as manobras de divisão dos agrários e obter jornadas elevadas. Outro aspecto e não menos importante, residia na Unidade havida com os contratados ao ano, os chamados «almacientos», que se uniram aos seus irmãos na luta por melhores jornadas. Este facto deita por terra as concepções derrotistas de alguns camaradas que sempre têm afirmado não ser possível forjar uma sólida unidade com os «almacientos». Por outro lado, foi um aspecto muito importante a Unidade com a classe operária, patenteada com a greve dos operários da construção civil de Pias, o que representou um sólido apoio à luta dos camponeses. Este rico exemplo veio demonstrar a possibilidade de em muitas regiões, entrelaçar as lutas de massas camponesas e da classe operária, o que tornará mais massiva e firme a luta, e permitirá um mutuo apoio às suas reivindicações.

No terreno da Unidade, a maior e a mais grave deficiência residia na fraca MOBILIZAÇÃO das mulheres. Com raras excepções, as camponesas não tiveram um papel activo e daí a luta não ter adquirido maior amplitude. Em Pias, numa das Praças estavam mais de 1.000 camponeses, mas poderiam estar mais de 2.000 se as mulheres tivessem sido mobilizadas. A razão desta deficiência reside no facto dos nossos camaradas ainda não terem compreendido—e por isso não podem fazer compreender as massas—que a Unidade entre os camponeses e as camponesas é a maior garantia da vitória, que quanto maior for a exploração das mulheres maior será a exploração dos homens.

Os nossos camaradas e organizações camponesas devem tomar resoluções práticas no sentido de fazer chegar «O Camponês» a todos os camponeses, seareiros e rendeiros honrados.

A luta em defesa da Paz e recolha de assinaturas para Um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências continuou a sofrer de graves debilidades durante as ceifas. Os nossos camaradas reconhecem que nos ranchos se fala já bastante no problema da guerra e da Paz, mas não souberam ainda aproveitar esta realidade para recolherem milhares de novas assinaturas, criar Comissões de Paz e fomentarem outras iniciativas e acções concretas de luta pela Paz. Existem condições objectivas que permitem dar um forte impulso à luta pela Paz entre as massas camponesas, mas para isso é preciso eliminar as incompreensões e subestimação pelos perigos de guerra existente nos nossos camaradas. É preciso rejeitar bem e fazer tudo no sentido de se multiplicar o exemplo dos camponeses de Beja que colocaram ainda há pouco 269 bandeirinhas com palavras alusivas à Paz, como por exemplo: «FORA COM OS AMERICANOS!».

As lutas camponesas no Alentejo fizeram surgir à superfície muitas deficiências do nosso Partido sob o ponto de vista organizativo. Elas demonstraram que em algumas organizações é manifesta a falta de ligação com as massas, manifesta ausência de vida política. Para que possamos consolidar e alargar os resultados das vitórias conquistadas durante as ceifas, impõe-se intensificar a vida política nas nossas organizações camponesas e reforçar a ligação do Partido com as massas.

REFORCEMOS A VIGILÂNCIA

E A LUTA EM DEFESA DO PARTIDO

**GES
PCP**

Não obstante os progressos observados quanto à aplicação da orientação traçada pelo Partido com vista a defendê-lo e a depurá-lo dos elementos provocadores, continuamos a assinalar, em relação a esta grandiosa tarefa, graves deficiências para as quais se impõe chamar a atenção das organizações e militantes do Partido, tanto mais que as referidas deficiências se verificaram depois da última reunião da Direcção do Partido onde foi amplamente tratado o ponto «Sobre vigilância revolucionária» e de cuja reunião foi publicado um resumo no nº. 68 do «Militante» e no nº. 168 do «Avante!».

Há pouco apurou-se que um elemento que estava no Partido, poucos dias depois de ter sido preso, andava na cidade de Lisboa a passear com a polícia, a facilitar a acção desta contra o Partido. Isto prova não ter havido antes sobre este provocador um perfeito conhecimento, que não se descobriu nela a existência do germen da provocação, isto prova um imperfeito conhecimento dos quadros. Por outro lado os camaradas responsáveis do sector onde isto se passou não viram, de início, este facto com a devida atenção nem a gravidade dele e, por conseguinte, não tomaram como se impunha, as medidas adequadas.

Recentemente, outro elemento que estava no Partido foi a um encontro com um funcionário do P. indo atrás dele, até ao local do encontro, o agente policial Eurico Ferreira (Rui) das «Lampadas Lumiar». Também a gravidade deste facto, de caracter provocatório, não foi inicialmente vista por alguns camaradas nem em relação a ele se tomaram imediatamente todas as medidas necessárias. Não se teve na devida conta que o citado elemento foi quem mais dificuldade teve em aceitar a certeza que o Partido lhe deu de que esse «Rui» estava ao serviço da polícia.

Só há pouco se veio a descobrir que determinado elemento infiltrado no Partido maninha, às escondidas deste, relações estreitas com os provocadores Pepe e Portugal, já denunciados publicamente, (o primeiro mantém relações de amizade com José Gonçalves da PIDE). Neste caso aparece de novo a falta de vigilância, que impediu descobrir-se mais cedo este elemento provocador, por parte de alguns camaradas mais directamente ligados ao sector onde este caso se verificou; aparece a falta do devido conhecimento acerca da vida particular dos quadros, conforme nos tem aconselhado o nosso Partido. Aqui estava um meio de que a polícia se servia para penetrar no Partido e causar-lhe novos desastres.

Só muito recentemente o Partido veio a saber que a prisão do nosso camarada Julio Paour, funcionário do Partido, se deveu ao facto do provocador Vilela, sapateiro da Curujeira (Porto), o ter entregado à polícia no encontro que com ele tinha marcado. Deste modo temos de novo a falta de vigilância revolucionária, um insuficiente conhecimento da vida que este miserável traidor fazia; verifica-se agora ter-se depositado nele uma confiança que bem provou não merecer.

Recentemente a Direcção do Partido verificou haver camaradas que desrespeitavam as suas instruções, mantinham contacto com o elemento provocador Chanoca de Grandola Alentejo. Neste caso temos não só a falta de vigilância revolucionária, aconselhada e imprescindível para a defesa do Partido, como também uma prova concreta dum acto de indisciplina.

Se aos factos aqui citados juntarmos exemplos concretos, de que a Direcção do Partido possui, e que na devida altura serão levados ao conhecimento e apreciação de todo o Partido, de outras faltas de vigilância revolucionária.

Se a tudo isto juntarmos incompreensões e certa frouxidão verificada por parte de alguns camaradas no referente às medidas que em tais circunstâncias é preciso tomar; de nem sempre se terem aplicado as resoluções dos organismos superiores do Partido em relação ao problema da vigilância revolucionária e integral cumprimento das normas conspirativas de ideias legalistas e de um certo relaxamento de control de execução. Se acrescentarmos que as resoluções do Partido, referentes a estes problemas, nalguns casos, não são suficientemente discutidas pelos seus organismos e militantes — e um caso há (do conhecimento da Direcção do Partido) de um organismo do Partido não se ter discutido as resoluções da última reunião do C.C. —

teremos um quadro bem elucidativo das deficiências que nos acompanham neste domínio da nossa actividade e dos perigos que nos rodeiam e se avelumaram no caso de não ser de futuro melhor compreendida e aplicada toda a orientação traçada pela Direcção do Partido em relação à luta que se impõe recrudesce contra a entrada de provocadores no Partido e depuração de elementos que lhe são estranhos. Que nos provam estes factos?

Estes factos provam-nos que na sua origem está ainda o imperfeito conhecimento acerca do momento que vivemos em que a agudização da luta de classes toma um carácter cada vez mais acentuado, com aspectos cada vez mais duros, sobretudo da parte do inimigo contra o Partido, contra todos os verdadeiros combatentes da causa da Paz e da Democracia.

Estes factos demonstram-nos, dum modo convincente, que dentro do nosso Partido subsistem as incompreensões acerca do verdadeiro carácter do fascismo salazarista; que se sublimam os longos anos que este tem de luta repressiva contra o Partido, valendo-se habilidosamente dos êxitos alcançados e tirando experiência dos fracassos sofridos; valendo-se dos conhecimentos que possui sobre os nossos métodos de acção; espreitando os nossos passos em falso, os nossos erros para depois estabelecer o seu plano de ataque e atingir-nos de forma mais intensa naqueles pontos mais vulneráveis da nossa acção. Há camaradas que não compreenderam, como é devido, que a camarilha governante, que os nossos inimigos, estão dispostos a tudo fazer para impedirem novos êxitos do Partido e assegurar a manutenção do domínio sobre o povo e os privilégios da classe a que pertencem e defendem.

Os factos atrás citados provam dum modo convincente haver no nosso Partido quem não repare suficientemente no facto de que a policia tem como objectivo principal, na luta contra o Partido, atingir a sua Direcção. Não se tem em devida conta que este objectivo fica de certo modo facilitado desde o momento que a orientação do Partido não seja totalmente aplicada. Não se tem em devida conta que a consumação dos criminosos desígnios salazaristas dependem também do modo como seja defendido o nosso Partido, Partido de vanguarda da luta do nosso povo.

Os factos atrás citados provam, de novo, como dentro do nosso Partido ainda se não tem na devida conta a experiência, os ensinamentos recolhidos do passado longínquo e recente quanto à provocação, quanto à luta já travada e com a finalidade de compreendermos numa vez para sempre que, a luta contra a provocação e pela depuração do Partido dos elementos estranhos que porventura estejam ainda anilhados no Partido é uma das principais tarefas da hora presente.

Não podemos negar esta dura realidade. Os factos aqui referidos são a real expressão do atroz político e ideológico ainda existente nas fileiras do Partido. Eles são uma indicação do muito que há a fazer no sentido de pôr o Partido completamente em condições de cumprir todas as suas grandiosas tarefas perante as massas populares do nosso país.

De acordo com estas realidades a Direcção do Partido estabelece como tarefas imediatas:

1º — As organizações e militantes do Partido devem intensificar a discussão na base do que aqui fica exposto, na base de factos iguais ou semelhantes que porventura sejam observados de futuro nos seus ou noutros sectores do P..

2º — As discussões promovidas pelas organizações do Partido devem ter por base o resumo da última reunião do C.C., publicado no nº. 68 do «Militante» e no nº. 168 do «Avante», referente a vigilância revolucionária.

3º — As organizações e militantes do Partido nas suas discussões devem ter por base outros materiais publicados pelo nosso Partido, acerca do mesmo problema, tais como, por exemplo: «Elevar a vigilância revolucionária, uma das tarefas mais importantes dos Partidos Comunistas e Operários» (Militante nº. 67); «A propósito de certas questões internas do Partido Comunista da Tchecoslováquia», folheto publicado pelo Partido em Julho do corrente ano.

4º — As organizações e militantes devem considerar, como uma tarefa principal, o reforçamento da vigilância revolucionária, pondo uma barreira intransponível à entrada no Partido de gente que lhe não mereça inteira confiança, e escorregar do seu seio qualquer elemento estranho.

5º — As organizações e militantes do Partido devem reforçar a sua actividade política, de organização e de defesa conspirativa de maneira QUE TODAS AS RESOLUÇÕES DO PARTIDO SEJAM CUMPRIDAS, PARA QUE SE NÃO REPITAM AS

INFRACÇÕES ÀS NORMAS CONSPIRATIVAS E PARA QUE TODAS AS MANIFESTAÇÕES DE INDISCIPLINA ENCONTREM PELA FRENTE A MERECIDA RESPOSTA DO NOSSO PARTIDO.

6º — A Direcção do Partido chama todos os camaradas a cerrar fileiras à sua volta contra tudo quanto seja tendente a quebrantar, ou simplesmente a afectar, o poder combativo do Partido. A Direcção do Partido salienta, perante todas as suas organizações e militantes, que duma mais ampla discussão, dum melhor estudo dos materiais, da aplicação da linha do Partido, do reforçamento da vigilância, da disciplina e do total cumprimento das normas conspirativas resultará a elevação do nível político e ideológico de todos os militantes.

Por outro lado a Direcção do Partido afirma de novo que **TODA A FORÇA E INVENCIBILIDADE DO PARTIDO RESIDEM ESSENCIALMENTE, NA SUA LIGAÇÃO CADA VEZ MAIS ESTREITA COM AS MASSAS, OBTIDA ATRAVÉS DA DEFESA DE TODOS OS SEUS INTERESSES E ASPIRAÇÕES, EM DEFESA DA PAZ.**

O INIMIGO TENTA, POR TODOS OS MEIOS, ABALAR A COMBATIVIDADE DO PARTIDO, ABALAR A FORÇA DE ATRACÇÃO DO PARTIDO, ABALAR A CONFIANÇA QUE AS MASSAS NELE DEPOSITAM. Porém o Partido lerá fracassar as novas tentativas do inimigo e guiará firmemente o nosso povo até à completa vitória sobre o salazarismo na sua luta em defesa da sagrada causa da Paz e pela conquista da Democracia.

PELA ORGANIZAÇÃO E MOBILIZAÇÃO DA CLASSE PISCATORIA!

**GES
PCP**

As dezenas de pequenas e grandes lutas travadas pela classe piscatória, entre as quais merecem especial relevo a dos pescadores da Nazaré, em 1942, as dos pescadores da Sesimbra e Sines, em 1945, as dos pescadores da Figueira da Foz, em 1946 e as dos pescadores do bacalhau de várias localidades, em 1947, já eram de molde a chamar fortemente a atenção de todas as organizações litorais do nosso Partido. Tal, porém, não aconteceu, apesar do esforço feito pela Direcção Central do nosso Partido. A recente greve dos pescadores de Olhão, bem como a decidida luta dos pescadores de Matosinhos, além de muitas outras que na costa algarvia e em outras regiões se têm travado, mostram-nos que não só existem condições objectivas para que os pescadores se lancem na luta, como igualmente nos mostram que os pescadores estão despostos a lutar para vencer.

Tais condições e disposições, aliadas ao altrazo de todo o trabalho partidário, que ainda se verifica no seio desta classe, são demorde a colocar-nos, relativamente aos pescadores, frente a um dos mais graves problemas que ante um P.C. se pode levantar: o da possibilidade de ser ultrapassado pelas massas. Como Staline nos ensina, «o Partido não pode ser o verdadeiro Partido se se limitar ao registo de como vive e pensa a massa da classe operária, se marchar na retaguarda do movimento espontâneo desta» («Sobre os fundamentos do Leninismo» — Staline). A verdade é que seremos efectivamente ultrapassados pela luta espontânea da classe piscatória, a menos que façamos um rápido e profundo trabalho de organização e mobilização desta classe. Não levar a cabo tal trabalho seria, objectivamente, uma submissão da nossa parte à espontaneidade da luta de massas. Ora, «inclinar-se diante da espontaneidade significa renunciar ao Partido como vanguarda do proletariado; ora toda a negação ou diminuição do papel do Partido conduz a reforçar a influência da ideologia burguesa sobre os operários». E ainda da mesma obra: «A ideologia socialista não pode surgir do movimento espontâneo» (Lenine — Sua vida e sua obra — Instituto M.E.L.).

Tal é o risco que hoje corremos relativamente à classe piscatória. Diferentes serão algumas das medidas concretas que cada organização litoral do Partido terá que tomar para que com sucesso vencamos este altrazo, como tantos outros temos vencido. Contudo, para que realizemos com êxito esta premente tarefa, é necessário que observemos algumas condições fundamentais:

1ª CONDIÇÃO: Não subestimar a importância desta classe. Segundo a estatística oficial de 1950, a classe piscatória com 45.046 sócios efectivos das Casas dos Pescadores, só no continente, é, depois do sector têxtil e da construção civil (que, aliás, perde muito da sua importância pela dispersão) de longe, o mais numeroso sector da classe operária portuguesa. O «Século» de 1-10-951 calcula em 60.000 o número real de pescadores existentes na nossa costa.

Ainda segundo os números oficiais distribuem-se do seguinte modo os 45 mil e 46 sócios efectivos das Casas dos Pescadores, em 1950: Setúbal—4.078; Aveiro—3.643; Portimão—3.448; Olhão—3.166; Tevira—3.003; Peniche—2.704; Sesimbra—2.676; Buarcos—2.517; Lisboa—2.405; Matozinhos—2.262; Viana do Castelo—2.170; Porto—2.065; Povoia do Varzim—1.948; Faro—1.249; Lagos—1.073; Caminha—915; Seixal—613; Cascais—467; Sines—421; Ancora—405; Ericeira—313.

Desde já queremos adiantar que tais números não devem criarnos ideias erradas sobre a importância relativa dos centros piscatórios. Dois exemplos bastam para nos pôr de sobreaviso contra tal perigo: Matozinhos que, segundo estes números, figura em 10º lugar, é, senão o primeiro, pelo menos o segundo centro piscatório do país. Segundo o cálculo do «Século» de 5-10-951, Matozinhos tinha, em 1950, nada menos de 5.000 pescadores, enquanto os números oficiais lhe atribuem apenas 2.262 (menos de metade). Vila Real de Santo António não figura sequer entre os números acima referidos. Contudo, aí se encontra o 3º maior centro piscatório do Algarve, com mais de 3.000 pescadores.

Apesar da inexactidão de tais números eles fornecem-nos, contudo, algumas indicações sobre para onde devemos dirigir os nossos esforços e deles se podem ainda tirar algumas importantes conclusões: Em primeiro lugar, eles mostram-nos que o grosso da classe piscatória se encontra concentrada numa vintena de povoações (algumas das quais são, até por outras razões, importantíssimas para o P.) e não dispersa por uma infinidade delas. Em segundo lugar, tais números mostram-nos que existem regiões, como por exemplo a costa algarvia de Lagos a Vila Real, onde, em pouco espaço e com fáceis comunicações, se concentram muitos e importantes centros piscatórios. Por último, se nos lembrarmos que é na base das enormes riquezas arrancadas ao mar por este abnegada e explorada classe (segundo os números oficiais, o valor do pescado, só no continente, em 1950, foi de 964.198 contos; na realidade tal valor, como facilmente seria demonstrar, ultrapassou, de longe, o milhão de contos) que existe uma classe conserveira na qual em 1950, e segundo a «estatística industrial», trabalham 22.119 operários e operárias—sendo, deste modo, outro dos mais numerosos sectores do operariado português—para a qual a classe piscatória de alguns dos mais importantes centros é chave; se nos lembrarmos que há importantes localidades, como por exemplo, Setúbal, Matozinhos, Portimão, Olhão, etc., onde só é possível realizar-se um bom trabalho pericário, dirigindo os nossos esforços quase que exclusivamente para os pescadores e conserveiras; se nos lembrarmos que a alguns dos mais importantes centros piscatórios correspondem todos os centros conserveiros desta concentrada indústria; que na indústria de conserves 83% dos operários são mulheres, a maioria das quais companheiras ou familiares de pescadores; que existem vários interesses comuns às duas classes; se nos lembrarmos e livrarmos na devida conta tudo isto, nós concluiremos que desenvolvendo o nosso trabalho entre os pescadores, estamos dando passos seguros para o desenvolver entre as conserveiras.

Por tudo o que fica dito parece-nos, pois, que ganharmos a classe piscatória para o P., é darmos um grande passo em frente.

2ª CONDIÇÃO: Conhecer e viver profundamente as necessidades, os problemas, as preocupações e os desejos dos pescadores, é outra condição fundamental do sucesso do trabalho no seio desta classe. Organizar e dirigir, de facto, a mobilização dos pescadores não é, efectivamente, tarefa fácil. A alroz miséria em que vive esta classe, logo aos primeiros contactos se torna evidente. É tão evidente é este facto que nem os próprios fascistas ousam negá-lo, antes, frequentemente, o confessam. Também não é difícil achar as principais causas de tão grande miséria: exploração desenfreada pelos grandes armadores, exploração através de uma série de impostos e alcavalas realizada pelo governo fascista, desprotecção e incúria deste, exploração levada a cabo por certos intermediários na venda do peixe. Contudo, nem por ser evidente a miséria em que vivem os pescadores é fácil identificar os seus responsáveis, deixam de ser complexas e variadas as formas que tomam os pro-

blemas que directamente afectam esta classe, o que exige um conhecimento concreto e em promenor de tais problemas. Aqui o conhecimento superficial, pela rama, fracassa por completo. Só o conhecimento concreto, prático e, acima de tudo, o sentir-se e viver-se os problemas desta classe nos permite mobilizá-la.

poderíamos dividir em duas grandes ordens os principais problemas dos pescadores: Salários e segurança no trabalho (não há, contudo, que tomar a divisão como mecânica, pois que estes dois tipos de problemas constantemente e intimamente se relacionam).

Quanto ao salário convém recordar: 1º) — Qualquer mobilização que vise a defesa ou aumento do salário não pode resultar de palavras de ordem muito gerais. A constituição do salário na base de quinhões, partes, percentagens, pensões, ordenados, soldadas e até objectos (por exemplo, botas na safra do bacalhau) varia extraordinariamente segundo a tradição, segundo o tipo de barco (traineira, galeão, vapor, cercada, enviada, etc.), segundo a espécie de peixe a pescar (bacalhau, alum, sardinha, etc.) segundo o tipo de aparelho e técnica de pesca usada (rede, anzol, arrasto, cerco, etc.), segundo a época do ano (safra ou defeso), segundo a espécie de safras (bacalhau, alum, sardinha), segundo as regiões e até de localidade para localidade. Não se veja, contudo, nesta variedade de factores uma complexidade maior que a que realmente existe, pois muitos destes factores aparecem sempre simultaneamente. 2º) — As maiores lutas pelo aumento ou defesa dos salários devem preparar-se e desencadear-se durante o mês de Abril, dado que as matrículas para a pesca da sardinha e do bacalhau terminam, respectivamente, a 1 e 15 de Maio (o que, aliás, não significa que seja completamente impossível desencadear estas lutas em outras épocas). 3º) — O salário dos pescadores é sempre constituído por forma a interessá-los na abundância do pescado; contudo, tal facto, que poderia contribuir para um abrandamento da consciência de classe, é contrabalançado pela circunstância de geralmente todos os pescadores de um mesmo barco estarem colectivamente interessados nessa máxima produção e não individualmente, como o operário da maioria das indústrias, quando trabalha à tarefa.

Muitos outros problemas, visando a defesa ou conquista de um nível de vida menos miserável, são susceptíveis de mobilizarem grandes massas de pescadores. Apenas alguns exemplos: luta contra certos intermediários ou contra a imposição oficial doutros; luta contra a infinidade de impostos e alcavalas que caem sobre os pescadores; luta contra a pesca de arrasto na proximidade das costas, contra os desmandos dos arrastões e pela vigilância das costas contra eles (sobre tudo espanhóis); luta para que as Casas dos Pescadores cumpram as funções de assistência em caso de morte, perda de pequenas embarcações e apetrechos de pesca, doença, invalidez, desemprego, nascimento, casamento, etc., para o que segundo a demagogia fascista, foram criadas, bem como as funções de preparação profissional, educativa e recreativa que igualmente lhes competem e que, segundo os próprios números fascistas, nem por sombras cumprem; luta pela edificação de bairros piscatórios destinados exclusivamente a pescadores e com rendas de facto acessíveis, o que, hoje, de modo algum acontece; luta pela realização de obras de defesa que protejam os seus bairros ou povoações contra os prejuizos resultantes da fúria do mar; etc.. Queremos aqui chamar a atenção para a importância que devemos dar à luta junto das Casas dos Pescadores. Há no continente 23 Casas que são outros tantos organismos da demagogia fascista e de defesa dos interesses dos grandes armadores. Por isso elas são odiadas pelos pescadores. Contudo, a pressão massiva dos pescadores pode obrigá-los a defenderem-lhes os seus interesses, de modo a irmos, assim, criando as condições para as transformarmos em potentes organismos de defesa da classe.

Quanto ao problema de segurança no trabalho ele apresenta-se-nos também com grande variedade de formas e exige, por isso, igualmente, um conhecimento exacto da situação concreta. Ali impõe-se um porto ou uma doca de abrigo ou, ainda, o simples prolongamento de um cais; acólá é necessário um salva-vidas motorizado; noutra local é imprescindível um posto de socorros; num outro é um farol, farolim ou simples lâmpada; ali impõe-se um observatório meteorológico, um barómetro ou apenas um telefone para a recepção de informações sobre o estado do tempo e para o pedido de socorros em caso de necessidade; por todo o lado se impõe a exigência de subsídios para a renovação da velhíssima frota pesqueira, bem como a exigência da modernização desta, de forma que nos barcos, que na faina se tenham de

afastar um pouco da costa, não falte um pequeno posto emissor e receptor, bem como um motor; Frequentemente é o desassoreamento das barras que se impõe; etc. etc.. Concluído, se aqui pudessemos fazer o estudo dos principais factores do naufrágio, chegaríamos à conclusão que é na falta de portos de abrigo, de barcos salvavidas motorizados e a postos nos dias de vendaval, de informações sobre o estado provável do tempo e de motores nos barcos, que se encontram geralmente as causas dos desastres. E para tais problemas, pois, que nós mais devemos voltar a atenção na mobilização dos pescadores em torno do problema da segurança.

Como é sabido, é ainda vulgar entre os pescadores a crença na influência de «Deus», «santos» ou «fatalidade» nos desastres. Sempre que haja oportunidade e sem que os afastemos, cabe, pois, a nós, comunistas, mostrar-lhes que as causas de desastres não residem na influência de entes sobrenaturais, no «destino» ou na fúria do mar (factor com que sempre se tem que contar), mas sim, fundamentalmente, na incuria do governo e no desprezo a que este vota as reais necessidades dos pescadores.

3ª CONDIÇÃO: a ausência de sectarismo e a adopção de justas formas de organização são uma outra condição para vencermos o atraso do nosso trabalho no seio desta classe.

A consciência de que não podemos prescindir dos mais vastos sectores do proletariado, ainda que politicamente atrasados, bem como a ideia de que num sector com 80% de analfabetos, como é o dos pescadores, não iremos, por certo, encontrar o desenvolvimento político comum aos metalúrgicos das construções navais de Lisboa-Almada, aos corticeiros da Margem Sul, etc. etc., muito nos ajudarão a compreender a perigosidade do sectarismo no trabalho a realizar no seio de uma classe, que, como esta, tem características especiais e é politicamente atrasado. Aqui há que não esquecer um só momento o isolamento em que vivem os pescadores, a força da tradição e superstição, a sua duríssima vida e a mais elevada taxa de analfabetismo. Queremos aqui chamar a atenção para o facto de existir entre os pescadores um sector com forte consciência de classe e, politicamente, bastante esclarecido: trata-se dos pescadores de bacalhau que em número de mais de 5.000 se distribuem principalmente por Matosinhos, Aveiro, Setúbal, Nazaré, Figueira da Foz, Viana do Castelo, Afurada e Gafanha da Nazaré.

Ligado com estas circunstâncias e com outras, como a estadia de longos períodos no mar, a irregularidade no tempo de trabalho, a frequência com que os pescadores mudam de barco e até de centro piscatório etc., etc., põe-se-nos o problema da adopção de formas maleáveis de organização partidária. Aos organismos células de pescadores é indispensável termos em conta todos estes factores, se, de facto, lhes queremos garantir um funcionamento relativamente regular e capaz de desenvolver os pescadores como quadros do nosso Partido.

Porém ao pensarmos na organização dos pescadores há uma ideia central de que devemos estar possuídos: todo o trabalho de organização deve visar a mobilização imediata em torno dos problemas da classe. Sendo assim, parece-nos que o mais importante, pelo menos para já, não é atrair ao Partido um ou outro pescador, mas sim influenciarmos a classe no sentido de a lançar na luta e dirigirmos efectivamente tal luta. Para tal, é indispensável que as nossas organizações locais alarguem e mantenham, através dos seus quadros, contactos regulares com os mais destacados pescadores (contactos esses que até através de simples conversas, desde que regulares, podem ser eficientes) e os levem a organizar, sim, as suas Comissões de Unidade por barco, por reivindicação (quando esta não se prenda com o barco). Comissões Gerais de Unidade, etc., etc., através e por meio das quais a orientação do nosso Partido seja levada a toda a classe. Esta será, no actual momento, a forma mais prática e eficaz de dirigirmos, realmente, as lutas dos pescadores. Este será também o melhor meio de fazermos um acertado recrutamento de pescadores para o nosso Partido.

Isto não significa que não se deva procurar que os mais destacados pescadores leiam ou lhes seja lida a imprensa do nosso Partido, que nosso P. deixe de publicar documentos dirigidos especialmente aos pescadores, quando as circunstâncias de luta o impõem, ou que deixem de se atrair ao Partido os pescadores desde já envolvidos na luta e se constituam em células partidárias; o que significa, sim, é que, de momento, o mais importante é o desenvolvimento da organização da classe para a

luta imediata e que a extensão da organização partidária no seio da classe deva ser, sobretudo, função das necessidades que a própria organização e mobilização da classe imponham.

Tenhamos iniciativa e decisão na condução das lutas, espreitemos os furos, como costuma dizer-se, e, audaciosamente, tomemos medidas práticas, não permitindo que a oportunidade nos escape. Sejam persistentes e sempre entusiastas no nosso trabalho. Não nos deixemos vencer pelas dificuldades que tal trabalho efectivamente tem; não nos deixemos desanimar pela não obtenção de êxitos fáceis e rápidos. Se assim procedermos, não virá longe o dia em que tenhamos ganho para o Partido o apoio destes valentes proletários do mar.

AVANTE, POIS, PELA ORGANIZAÇÃO E MOBILIZAÇÃO DA CLASSE PISCATÓRIA!

MOBILIZAR E ORGANIZAR AS MULHERES TRABALHADORAS

É UMA TAREFA FUNDAMENTAL

GES
PCP

Da maior ou menor mobilização das mulheres dependem, muitas vezes, os resultados das lutas reivindicativas da classe trabalhadora. A mais ampla mobilização e organização das mulheres, tanto pela força que representam como pela sua combatividade, é pois de capital importância nas lutas do proletariado.

As mulheres trabalhadoras não se tem limitado a participar activamente nas lutas, pois em muitos casos as mulheres colocaram-se na vanguarda, à frente dos homens, na conquista das suas reivindicações comuns. Ainda recentemente 600 operárias conserveiras de Setúbal concentraram-se junto do Grémio, Sindicato e I.N.T., exigindo e conquistando um mês de subsídio do defeso que os industriais pretendiam roubar. A vitória conquistada por essas centenas de operárias, devido à sua unidade e firmeza, não foi benéficia somente as mulheres. Os homens também foram beneficiados, pois eles também seriam roubados, apesar de não terem participado na luta.

Também recentemente, 80 operárias corticeiras da empresa Barreiras, no Lavradio, foram despedidas. Todas essas mulheres deram um grande exemplo de firmeza e amadurecimento político obrigando a gerência não somente a readmiti-las como a pagar o dia que tinham perdido.

Por outro lado, é um facto evidente a participação destacada das mulheres nas lutas da classe corticeira da Margem Sul do Tejo. Casos houve em que a ausência de certas operárias mais destacadas e prestigiadas fez fracassar algumas lutas e concentrações projectadas.

Estes exemplos comprovam a combatividade das mulheres e as grandes possibilidades existentes para uma mais ampla mobilização do proletariado feminino.

Em muitas classes e empresas as mulheres constituem a maioria, tais os casos, por exemplo, da indústria têxtil, conserveira e em muitas empresas corticeiras. Se nessas empresas e classes, o proletariado feminino não for mobilizado para a luta, isso significa não haver uma verdadeira unidade e mobilização. A ausência ou a débil participação das mulheres nessas lutas podem comprometer, e geralmente comprometer, os seus resultados.

Uma das principais razões da debilidade da luta em curso da classe corticeira, reside precisamente na fraca mobilização das mulheres, as quais constituem a maioria da classe. Se as operárias corticeiras forem mais largamente mobilizadas e organizadas, os resultados da luta serão outros.

Uma das principais razões porque as vitórias dos camponeses alentejanos no decorrer das ceifas deste ano não foram ainda mais amplas, deve-se precisamente à fraca mobilização das mulheres. Se as camponesas tivessem participado mais activamente na luta, se tivessem comparecido em massa nas Praças de Jornas e participado nas Comissões de Unidade, os resultados da luta teriam sido outros e as jornas teriam

subido ainda mais.

A experiência indica-nos que A UNIDADE ENTRE OS OPERÁRIOS E AS OPERÁRIAS, A UNIDADE ENTRE OS CAMPONESES E AS CAMPONEAS É E SERÁ A MELHOR GARANTIA DA VITÓRIA. Reforçar e ampliar essa unidade é pois um dos factores fundamentais para a conquista das reivindicações mais prementes e imediatas da classe trabalhadora.

MAS PARA QUE POSSAMOS MOBILIZAR AS MULHERES TRABALHADORAS É NECESSÁRIO ORGANIZÁ-LO. E isso só será possível constituindo nas fábricas e no campo COMISSÕES DE UNIDADE, nuns casos somente com mulheres e, noutros casos, atraindo as mulheres mais combativas e destacadas às Comissões, lado a lado com os homens. Nas COMISSÕES DE UNIDADE da classe corticeira não participava nenhuma operária, nem existe formada qualquer Comissão de operárias corticeiras. Aconteceu precisamente o mesmo nos camponeses durante as ceifas, pois não havia, nem há qualquer mulher nas Comissões de Jorna e de Praça formadas, nem foi formada qualquer Comissão somente com mulheres.

Assim, é evidente que sem a organização das mulheres trabalhadoras em Comissões de Unidade não é possível mobilizar amplamente as mulheres e portanto toda a luta e acção de massas será prejudicada e em muitos casos comprometida totalmente. Vejamos um exemplo.

Na empresa de cortiças «Mundet», no Seixal, trabalhavam recentemente (antes dos despedimentos), 2.500 operários, dos quais 1.500 eram mulheres e 1.000 eram homens. Porém, na COMISSÃO DE UNIDADE existente nesta empresa, não participa nenhuma mulher, nem há constituída qualquer Comissão de mulheres e isso significa que as mulheres, isto é, a maioria do proletariado desta empresa, não tem uma participação dirigente e organizada na luta. E, sendo assim, será de estranhar que a luta dos operários corticeiros da Mundet, sofra de graves debilidades?

SERÁ A MOBILIZAÇÃO DAS MULHERES TRABALHADORAS (NA FÁBRICA, NA EMPRESA, NO CAMPO), QUE CRIARÁ AS CONDIÇÕES ESSENCIAIS PARA MAIORES ACÇÕES DE MASSAS.

Mas para isso, é fundamental combater SISTEMATICAMENTE a grave substituição existente da parte de muitos camaradas e organizações do nosso Partido pelo trabalho entre as mulheres. DISCUTIR e analisar OBRIGATORIAMENTE qual a participação das mulheres nas lutas reivindicativas realizadas ou em vias de realizar é uma das melhores formas para combater essa substituição. Porém, isto somente não basta.

É necessário fazer compreender a todos os nossos camaradas a força extraordinária que constitui o proletariado feminino e as muitas e grandes provas de combatividade e firmeza de que têm dado tantos exemplos. É preciso combater as concepções de muitos camaradas que não obstante serem operários e camponeses, possuem todavia os conceitos pequeno-burgueses de que as mulheres nada valem, não são firmes e combativas, não merecem confiança. É necessário fazer compreender que quanto maior for a exploração imposta às mulheres, maior será a exploração imposta aos homens. Fazer compreender que a vitória duma luta reivindicativa das mulheres numa fábrica ou rancho, não irá beneficiar somente as mulheres, ela irá beneficiar também os homens, isto é, os seus companheiros de trabalho.

Em muitas organizações operárias e camponesas, não existe qualquer mulher organizada e ligada ao nosso Partido. Todavia, nessas fábricas, ranchos e localidades trabalham muitas vezes companheiras, irmãs e mães de camaradas nossos. É um facto que muitas dessas mulheres possuem todas as condições essenciais para terem um contacto estreito e regular com o Partido e em muitos casos para estarem organizadas em células femininas ou células mixtas do nosso Partido. LEVAR ISTO À PRÁTICA É UMA TAREFA DE TODOS OS CAMARADAS E ORGANIZAÇÕES.

Entretanto, o que é indispensável e imperioso, para onde devemos atirar com o peso do nosso esforço, não é trazer esta ou aquela mulher ao Partido (embora isto se imponha e seja muito importante), mas é sim encontrar a forma justa de as mobilizar e orientar para a luta activa pelas suas reivindicações económicas e sociais, na luta em defesa da Paz, etc.. É para aqui que devemos atirar com a nossa atenção, encarando entre outras formas, A REALIZAÇÃO DE REUNIÕES LEGAIS COM MULHERES para discutirem os seus problemas e reivindicações e delinear as acções e formas de acção a levarem à prática.

Sabemos que não é fácil, em certos meios, realizar um sério e amplo trabalho de organização entre as mulheres, por ser difícil reuni-las e outras dificuldades. Porém, para os comunistas não há tarefas fáceis e todas as tarefas serão realizáveis na medida em que nos compenetrarmos da sua justeza e importância.



DISCIPLINA PARTIDARIA

RESOLUÇÃO DO SECRETARIADO SOBRE AS PRISÕES

NO ALENTEJO NO ANO DE 1949

No decorrer do ano de 1949, nas regiões de Vendas Novas, Montemor-O-Novo, Ferreira do Alentejo, Mina de S. Domingos e outras localidades, foram presos dezenas de camaradas e simpatizantes.

O facto de só agora, decorridos três anos, o Secretariado se pronunciar quanto a tais prisões, revela uma deficiência da Direcção do Partido e de muitos camaradas e organizações, apesar das dificuldades existentes para o apuramento do comportamento de algumas pessoas. Apesar disso, ainda hoje, o Secretariado não está em condições de se pronunciar sobre todos os elementos então presos, o que revela existir substituição da parte de alguns camaradas sobre este aspecto tão importante da disciplina partidária.

Por terem traído, fazendo denúncias, declarações e « confirmações », que provocaram prisões doutros camaradas e facilitaram a acção criminosa da PIDE, o Secretariado **RESOLVEU EXPULSAR DAS FILEIRAS DO PARTIDO** os seguintes elementos:

De **VENDAS NOVAS**: — Diogo José Borracho, Flaminio Pachêco, José Flaminio (Arlindo) Constanlino Mota, Luiz António Firminio (Dionísio), Manuel dos Santos Cardoso (Veiga), Florimundo Tenrinho, Francisco Almeida Carvalho e Augusto Silva Figueira.

De **MONTE-MOR-O-NOVO**: — António Marques, José Adelino dos Santos (Domingos), João Joaquim Machado (Fernando), António Malhão, António Joaquim Rebarqueiro, Luiz Bento Estrelinho, Manuel Joaquim Roque, Joaquim Augusto Badalinho. Este, ultimamente, tem fomentado um trabalho de provocação e desagregação, tornando-se um agente declarado do inimigo de classe.

De **PEGOES**: — Alberto Gomes, Manuel Gomes, João Miguel e Jaime Martins Carrasqueira.

De **LAVRE**: — Sezinando Marques Constantino (Xavier) e José Marques Gouveia (Joaquim).

De **S. TROCATO**: — Salvador Vicente da Silva (Tavares).

De **FERREIRA DO ALENTEJO**: — Ivo Augusto Gameiro, Manuel Montes Marques e João Ferreira Morgadinho.

De **MINA DE S. DOMINGOS**: — Augusto Bento Valadas Molerinho, Jacinto Can-deias, José Rodrigues da Graça, Silvino Joaquim Marques e Joaquim Martins Danário.

O Secretariado constata que alguns dos elementos agora expulsos têm feito esforços para readquirirem a confiança das massas e do nosso Partido, tanto no período prisional (lutas várias, greves de fome, etc.), como já depois de libertados. Porém, é bom salientar, esses factos em nada diminuem a cobardia e falta de honra-raz que os conduziu à traição frente à PIDE.

O Secretariado indica-lhes o caminho da luta legal e aberta como o único que poderá possibilitar uma eventual reabilitação.

Quanto aos elementos presos nessa mesma altura e sobre os quais o Secretariado não se pronuncia, **FICAM AFASTADOS DE TODA E QUALQUER ACTIVIDADE PARTIDARIA**, enquanto a Direcção do Partido não se pronunciar sobre cada um deles individualmente.